

A inauguração de um templo do saber não deve ser comemorada apenas com manifestações externas de júbilo, mas com uma satisfação interna e recolhida, que só encontra a sua expressão adequada num hino mudo de ação de graças Àquêle que inspira aos governos obra de tamanha benemerência social.

Não sei de outra maior, ou mesmo que a iguale em importância.

O velho conceito popular de que "abrir uma escola é fechar uma cadeia", contestado por alguns hoje, à luz de dados estatísticos, se sofre suas naturais limitações, o fato é que <sup>não</sup> se poderá negar o papel extraordinário da educação na melhoria e aperfeiçoamento das sociedades humanas. E quando, por ventura, isso se não verifica, é porque a escola está falhando aos seus objetivos e torna-se urgente uma reforma que a ponha em correspondência com as necessidades da vida coletiva.

O conhecido filósofo belga Compayré, reconhecendo embora que o decréscimo da criminalidade se pode explicar por outras causas - "o sensível melhoramento das condições de existência geral, o desenvolvimento do trabalho e a mais aperfeiçoada organização dos meios de repressão e vigilância" - acrescenta, todavia, a seguir - "Boa parte desses resultados, porém, cabe, sem dúvida nenhuma, à instrução: o que se demonstra, é a proporção existente nas listas criminais, entre o número dos analfabetos e o das pessoas instruídas".

Não há conquista, por mais árdua e difícil, que não encontre próxima ou remotamente as suas raízes na escola. Não há ação humana digna de nota que não tenha sido inspirada por uma boa e sólida educação. O homem ignorante, entregue às suas paixões, sem meios de desenvolver as faculdades do espírito, acabará por imitar as feras, transformando-se naquele lobo voraz, de que nos fala Hobbes, sempre pronto a arremessar-se à presa, que é o seu próprio semelhante: Homo lupus homini.

Para que isso não aconteça, faz-se mister atraí-lo à escola, onde aprenderá primeiro a ser <sup>um</sup> bom <sup>cidadão</sup> homem que "um bom animal", como <sup>pretendia</sup> queria Emerson. Com isso, queremos dizer que, desde cedo, se devem procurar desenvolver nêles <sup>as</sup> ~~as~~ <sup>as</sup> ~~boas~~ <sup>as</sup> tendências para a prática de boas ações, <sup>antes</sup> que deixá-lo entregue às ~~paixas~~ paixões ou instintos inferiores.

Só na escola se descobre a incógnita de todos os problemas que preocupam assim as nações como os indivíduos. É nela que se plasma o caráter, garantia da confiança singular e coletiva; é nela que se adquire, ~~de cada~~ o hábito do trabalho, sem o qual não há riqueza nem conforto; é nela que desenvolve o homem o seu espírito de solidariedade, imprescindível à vida social; é nela que se forja a têmpera dos heróis, que elevam e dignificam as nações; é nela que se aprende a ciência, base do progresso e da civilização; é nela que o artista se abebera dos ensinamentos necessários ao esplendor de sua arte, transformando a vida num motivo de alegria e encantamento; é, finalmente, nela que bebemos as primeiras lições de civismo e que nos habituamos a amar a Pátria, pelo conhecimento de seu passado e de seu presente.

Haverá quem julgue exagerado o conceito do barão Scharz-Semborn, ex-ministro austríaco, de que a fonte de todos os males é a ignorância. "A meu ver, disse êle, cada mestre é um general, um combatente contra a ignorância e a superficialidade. Ora, para mim tenho a falta de instrução como a raiz de todos os males que há na terra; e não vejo outro meio de debelá-la senão três coisas: primeiro, instrução; segundo, mais instrução; terceiro, muito mais instrução".

Eu, não. Tenho-o por justo, mais que justo, justíssimo, bastando tão somente que seja atualizado, e que, em lugar de instrução, se diga educação. E a razão é manifesta. A instrução gera o conhecimento; a educação vai além, abrange os bons hábitos, necessários a quem a natureza obriga a viver numa comunidade social. A instrução produz novas idéias; a educação seleciona dentre essas idéias as que devem converter-se em atos. - "Não basta instruir-se, diz Fouillé, cumpre que a instrução se torne por si mesma uma educação, um processo de seleção refletida e metódica entre as idéias que tendem a realizar-se em atos."

Vivemos numa democracia. Em nenhum regime, é preciso que se diga bem alto, se faz mais premente a educação do povo que no democrático. Precisamos dar ao homem brasileiro a consciência da sua dignidade, fazê-lo participar intensamente da vida nacional, integrá-lo definitivamente na conquista da civilização. Somos um país de aproximadamente 46.000.000 de ha -

bitantes, onde apenas uma quarta parte pode exercer a plenitude de seus direitos, e entre êsses o da cidadania, o mais sagrado depois da liberdade, que é o de escolher, pelo voto próprio, aquêles que deverão dirigir os destinos nacionais. Os outros - os analfabetos - <sup>ficam</sup> continuam à margem da sociedade, vegetando à sombra, como estrangeiros na própria Pátria.

É ainda atual aquela interrogação de Tavares Bastos que, outrora como hoje, deve soar aos nossos ouvidos, como um brado de alerta: "Quais são os destinos do nosso sistema de govêrno, que deve assentar na capacidade eleitoral, se perpetuar-se o embrutecimento das populações, engrossado pela corrente de proletários de certa parte da Europa?". É claro que não poderá haver democracia, ou govêrno do povo, quando a maioria dêsse mesmo povo está excluída da participação direta na vida política, social e econômica da nação.

Os grandes países não valem pela extensão do seu território, ou pela riqueza de seu solo, senão pela inteligência e valô<sup>r</sup> de seus filhos. Afirmou-o Rui Barbosa, por outras palavras: "Não é a terra, nem o numerário, o que constitui a riqueza das nações, mas a inteligência do homem". As riquezas materiais desaparecem com o tempo. Não há notícia, no passado, de solo mais fértil que o de Canaan, onde, no dizer de Moisés, os rios corriam cheios de leite e de mel. Entretanto, que é hoje a terra eleita? Um vasto deserto de rochas nuas, de areia calcinada pelas soalheiras, sôbre o qual parece pesar ainda, tremendamente, a maldição dos profetas. Se ela ainda vive na memória humana, emoldurada por um prestígio que não se empana, antes refulge a cada ano que se passa, é porque serviu de berço ao maior reformador social que o mundo conheceu - JESUS CRISTO - , cuja doutrina, cheia de doçura e de perdão, banii o ódio dos corações e colocou o amor como regra suprema das relações humanas.

Compraz-se o orgulho nacional com a exaltação das grandes riquezas <sup>de</sup> que a munificência divina dotou a nossa maravilhosa terra. É justo êsse orgulho. Mais justo, porém, será que nos orgulhemos dos empreendimentos e realizações que atestem o poder criador de nossa inteligência e a capacidade realizadora do homem brasileiro.

Já é tempo de olharmos as coisas com o senso da realidade. A fase do Brasil-menino passou. Passou, por consequência, a época dos embevecimentos e das atitudes extáticas diante da natureza. Somos um povo que vai ana-

durecendo. Nações milenares, que atingiram a um alto grau de civilização, voltam para nós os seus olhos, com interêsse, observando os nossos gestos e atitudes. Precisamos agir, mas agir como homens, cõscios das nossas grandes responsabilidades. Lembremo-nos de que as imensas riquezas que possuímos podem constituir um teste, pelo qual os povos estranhos julguem da nossa capacidade como nação. Mostremos a Buckley que estava redondamente enganado, ao afirmar que tudo no Brasil era grande, exceto o homem.

O brasileiro é um povo, dotado de excepcionais qualidades para criar, neste recanto da América, uma civilização <sup>brilhante.</sup> esplendorosa. Mas é preciso que lhe demos escolas. É preciso que lhe disciplinemos a vontade. É preciso que lhe despertemos a consciência do seu valor.

É reconhecendo a necessidade de abrir escolas ao povo fluminense, cujos destinos, em boa hora, Vossa Excelência tão bem dirige, Sr. Governador, que aqui estamos, que aqui está Vossa Excelência, para, em cumprimento a um dos pontos capitais do programa de seu govêrno, inaugurar mais este Grupo Escolar.

É uma construção magnífica que honra sobremaneira os engenheiros que a planejaram e a executaram. Nela, foram obedecidos, em seus <sup>menores</sup> mínimos de talhes, todos os preceitos da técnica, da higiene e da pedagogia. Não quis Vossa Excelência que se retardasse <sup>a conclusão de</sup> a obra, apesar das dificuldades do momento. Graças a isso, é que foram abertas, nesta fase <sup>de</sup> adiantada do ano letivo, as portas dêste imponente edifício à infância campista, que acabou de emoldurar o quadro de beleza arquitetônica, emprestando-lhe a vibração e o calor de sua idade, enchendo de encantamento e alegria estas salas e corredores, transplantando para aqui a vida estuante que há lá por fora, pela "Pérola do Paraíba".

Às pessoas como às entidades, que surgem para a vida, faz-se mister dar-lhes um nome de batismo. Não foi necessário grande esforço de investigação nos fastos, tão ricos de vultos eminentes, da nobre terra de Benta Pereira, para escolhê-lo. Êle emergiu, vivo e glorioso, das suas páginas - SALDANHA DA GAMA -. Vivo, porque os grandes homens, se abandonem transitóriamente a terra, continuam a viver, em nossos corações, pelos exemplos magníficos que nos deixavam. Embora êsse grande campista, que foi um modelo acabado de tôdas as virtudes cívicas e morais, seja hoje um patrimônio nacional, em nenhum lugar a homenagem, que lhe prestamos, ficaria melhor que em sua terra natal. Foi com êste pensamento que o Govêrno transferiu o nome de outro estabelecimento

- cinto

*la sua...*

de ensino, fora do Município, para êste, que hoje se inaugura, resgatando assim, para com o povo campista, uma justíssima dívida. O nome de Saldanha da Gama fica, doravante, reposto no seu verdadeiro lugar, fulgindo na <sup>fronteira</sup> ~~porta~~ ~~ria~~ desta casa como um convite a seus concidadãos, para que lhe imitem o saber e o exemplo.

Não são as palavras que definem os homens, mas as obras. Non verba, sed opera - diziam os romanos. Em todos os recantos da terra fluminense, se vão sentindo, Sr. Governador, os efeitos de sua administração. São estradas que se abrem ao trânsito público, são hospitais que se constroem, são estabelecimentos <sup>edifícios</sup> <sup>edifícios</sup> que se inauguram, são portos que se aparelham, são pontes que se levantam, tãdo um vasto plano de obras, enfim, que se executa, tendente a dar ao povo fluminense tudo o de que êle mais precisa.

Povo campista, em nome do Govêrno do Estado, faço-vos entrega desta casa de ensino. Bem a mereceis pelas vossas excepcionais qualidades de espírito. As professôras que aqui exercem a sua missão apostolar, algumas vossas filhas, outras vossas espôsas, cuja ilustração e devotamento à causa da educação, não preciso exaltar, saberão fazer dela uma almenara ardente a irradiar clarões por todos os quadrantes <sup>de terra fluminense</sup> e uma colmeia de atividade fecunda, digna de vossas tradições. Aqui encontrarão os vossos filhos o desdramento de lar; aqui se familiarizarão com os principais problemas da vida social; aqui ilustrarão as suas formosas inteligências; aqui se afeiçoarão aos hábitos de trabalho; aqui melhor conhecerão a Deus, através de suas obras maravilhosas; aqui se fortalecerão no conhecimento e prática das virtudes cristãs; aqui aprenderão a amar, ao lado do Brasil culto, estoutro laborioso e produtor, <sup>homem campista,</sup> a que o poeta tece merecidas loas:

..." o Brasil de mãos calosas que o campo dilacera  
E vê, passada a sarabanda dos temporais,  
Num milagre divino, o hálito da primavera,  
Desfraldar a bandeira verde dos canaviais".